

A SEXUALIDADE INFANTOJUVENIL NO CONTEXTO ESCOLAR DA EEM

PROFESSOR FLÁVIO PONTE

AUTOR: HOMERO HENRIQUE DE SOUZA – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

BÁSICA DO ESTADO DO CEARÁ – homerogeografia@gmail.com

INTRODUÇÃO

No cotidiano escolar, especialmente do ensino médio, cuja faixa etária varia em média entre os 14 e 20 anos de idade, considerando a distorção idade-série é comum está presente nesse universo, situações que envolvam as manifestações da sexualidade humana tais como: dúvidas entre o “ficar” e o namorar, atração/orientação sexual, estímulos sexuais, menstruação, virgindade, masturbação, relações sexuais, homo e bissexualidade, transsexualidade, gravidez, aborto dentre outros.

O presente artigo pretende fazer um recorte a manifestação da atração/orientação sexual como situação que interfere no convívio escolar e conseqüentemente no processo de ensino-aprendizagem, a partir de situações vivenciadas por educadores e educandos. O objetivo principal desse trabalho é refletir sobre as necessidades pedagógicas da escola, em especial do núcleo gestor, em trazer à tona nas suas práticas administrativas e pedagógicas essa temática ainda tão carregada de medos, tabus e preconceitos.

A sexualidade humana é um tema que ainda gera muitas polêmicas e controvérsias, uma vez que envolve questões afetivas, papéis esperados e desempenhados em uma sociedade e também comportamentos. As relações familiares com certeza são a gênese das primeiras manifestações sexuais. Como cita Brêtas (2006, pg.158) (...) a família, a sociedade e a escola são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas, ajudando o adolescente a enfrentar as situações de risco muitas das quais por ele mesmo geradas.

Em função de uma educação heterossexista e patriarcal herdadas de um passado colonial, ainda é comum a definição de determinados papéis sexuais serem estabelecidos já na infância: meninas aprendem a serem delicadas, frágeis, boas donas de casa e mães ao serem estimuladas, por exemplo, a brincar de bonecas. Já os meninos são estimulados a se tornarem seres fortes, brutalizados, duros, que não

choram e jogam bola no meio da rua. Na adolescência, são cristalizados sentimentos de medo, dúvida e vergonha nas meninas, no que diz respeito a manifestação dos seus desejos sexuais. Para os meninos, muitas vezes a precocidade e a banalidade dos seus anseios sexuais não apenas são estimulados, mas também encarados como algo natural para seres do gênero masculino. De acordo com Andrade e Barros (2009, p.91 apud Goulart (2009):

(...) boa parte das diferenças entre homens e mulheres é construída socialmente, e que ele ou ela só se enquadram nos modelos dominantes por serem preparadas e preparadas para exercerem os papéis que a sociedade lhes delega. Ser homem ou ser mulher depende principalmente de como o sujeito vive (...)

Toda essa situação se faz presente também no universo escolar. As paqueras, os olhares, as falas maliciosas, as carícias, os gestos, o modo de se vestir, as gírias, a necessidade do toque, tudo isso são exemplos da descoberta da sexualidade por parte dos nossos jovens adolescentes. Diante desses fatos como devem se posicionar docentes e gestores? Quais os reais papéis dos educadores que se deparam com essas manifestações sexuais dentro e fora da sala de aula?

É necessário que os educadores e os gestores busquem ampliar os seus conhecimentos diante dessas demandas. Encarar o desafio de lidar com aquilo que nem mesmo o próprio educador recebeu tal formação em seu âmbito familiar é sem dúvida um grande desafio. Entretanto, ignorar o nosso papel enquanto orientadores aos educandos na busca do equilíbrio, da tolerância, e do autocontrole, constitui-se em um erro e em uma omissão. Pauto minha afirmação com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs(p.293, Vol. 10.5) que dizem:

Se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano.

Espera-se que toda a equipe escolar possa guiar os seus discentes para uma reflexão sobre a necessidade da passagem da dependência dos pais para a dependência de si mesmo; incentivá-los ao desenvolvimento da capacidade de discernir e entender; a busca pela formação e compreensão da sua própria identidade sexual e do outro (a).

METODOLOGIA

No desenvolvimento deste trabalho realizou-se um estudo bibliográfico de

algumas obras que abordam a sexualidade, sendo feita a leitura e a interpretação das mesmas para a construção de um trabalho que na verdade é contínuo, complexo e desafiador.

Para a realização do presente artigo, foram utilizados diversos métodos e técnicas tais quais: debates em sala de aula, entrevistas com os educandos, trocas de experiências com os docentes, exposição de vídeos, músicas, slides, seminários e rodas de leitura. O intuito era colher dados e informações que fundamentassem as questões aqui expostas e corroboradas pelos autores referenciados na leitura bibliográfica.

O público-alvo nesse artigo foi composto pelos estudantes e profissionais de ensino médio da E.E.M. Professor Flávio Ponte, localizada em Maracanaú, cidade situada dentro da Região Metropolitana de Fortaleza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As situações mais comentadas pelos educandos e educadores chamaram a atenção pelas particularidades de acordo com o gênero. As meninas costumam manifestar dúvidas e receios diante das primeiras relações sexuais, ao mesmo tempo que muitas outras expressam seus desejos de modo por vezes bastante intensos o que é encarado por alguns como algo vulgar e exagerado.

Quanto aos meninos as falas mais abordadas faziam referência a dúvidas quanto ao ato sexual em si e a manifestação do desejo/atenção por alguém do mesmo sexo biológico e/ou do sexo oposto. Concomitante a isso e possivelmente contraditório alguns meninos ainda encaram como uma afronta a sua masculinidade qualquer situação que remeta a manifestação de um carinho ou envolvimento amoroso por um ser do mesmo sexo.

Dentre as diversas manifestações sexuais expressas pelos educandos no dia-dia escolar é justamente a troca de beijos, carinhos e afagos a que mais chama atenção de muitos educadores. É notável inclusive a discriminação feita por alguns deles de acordo com cada situação.

Nos relatos dos educadores, ficam evidentes como as nomeações impressas nos gêneros ocorrem e se instrumentalizam a partir dos seus percursos de socialização. Torres (2011, p.117) afirma que (...) mesmo sendo sujeitos que pronunciam determinadas verdades no campo educativo, os/as professores/as vivenciam as tensões marcadas pela educação patriarcal ritualizadas na família e na escola.

Ao longo do ano escolar em que esse trabalho foi desenvolvido assim como já ocorrera em situações anteriores foi possível se constatar como todas essas questões envolvendo a sexualidade humana interferem em todo o processo de ensino-aprendizagem. Casais de namorados na mesma turma compartilham atividades, trabalhos em equipe assim como trocam carinhos e afagos que por vezes incomodam o educador presente. Meninos manifestam uma homossexualidade de identidade mais feminina, o que é motivo de admiração por alguns colegas e não aceitação por parte de outros. Garotas abandonam a escola por vergonha de uma gravidez inesperada. Jovens vivenciando conflitos familiares em função de suas relações amorosas acabam se desconcentrando dos estudos e têm seus desempenhos escolares comprometidos.

Segundo Sartori e Britto (2004, pg.57 apud Goulart (2009):

(...) enquanto a escola não incorporar as discussões que vêm se fazendo sobre a construção do masculino e do feminino apontadas nos estudos de gênero, e não promover mudanças no seu próprio cotidiano, esta instituição vai abrigar sofrimento entre seus muros e aformar sujeitos infelizes e preconceituosos”.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, cabe à escola como um todo a inserção das temáticas voltadas para a educação sexual em seu currículo. A operacionalização disso constitui-se num desafio muitas vezes paradoxal. Para superar os prováveis obstáculos, caberá sobretudo a gestores e educadores um estudo individual, coletivo e interdisciplinar. Sanar suas próprias dúvidas, encarar seus próprios medos, repensar seus próprios valores são os primeiros passos para os profissionais da educação. Para tanto os gestores devem proporcionar ao seu corpo docente momentos de formação continuada a respeito do tema o que pode ser realizado em parcerias com ONG'S (o GRAB-Grupo de Resistencia Asa Branca, por exemplo) através das secretarias municipais e estaduais de educação.

A cada dia nossos discentes expressam suas preocupações com a sua saúde física e mental, seus anseios na descoberta pelo próprio corpo, suas buscas por uma felicidade que também perpassa pela sua vida sexual. Programas do governo federal como o PSE (Programa Saúde nas Escolas) contemplam ações educativas dentro dessas perspectivas. Novamente cabe ao núcleo gestor viabilizar essas

ações no “chão” da escola.

Não caberá a escola apresentar modelos, padrões engessados, mas sim orientações, discussões, reflexões para que nossos jovens possam amadurecer suas emoções, seu convívio social, sua intelectualidade e seus valores humanos. A sexualidade em especial ainda é um assunto cercado de muitas dúvidas e desconhecimentos por parte de nossos discentes.

Uma educação de qualidade que cumpra seu propósito maior de formação do indivíduo enquanto ser pensante, crítico, atuante e cidadão exige dos núcleos escolares que diversas temáticas sejam trabalhadas de maneira permanente (projetos interdisciplinares), lúdica (teatro, dança, música), informativa (com profissionais qualificados, secretarias de educação, saúde, cultura e de juventude) e sobretudo desprovidas de olhares e conceitos moralistas, excludentes e arcaicos. Sem dúvida alguma a sexualidade humana está dentre essas temáticas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Orientação sexual. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2013.

SANTOS, Claudiene& TOLEDO, Maria Alves de. **A educação sexual pede espaço.** São Paulo: Ômega, 2000.

TORRES, Raimundo Augusto M. *Sexualidade e Relações de gênero na escola: diálogos “fáceis” de dizer, porém difíceis de conviver.* In: Alexandre Martins Joca (Org.) **Recortes das Sexualidades – encontros e desencontros com a educação.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

GOULART, Bruna de Fátima. **Educação das mulheres, magistério e as relações de gênero em sala de aula: rupturas ou continuidades?** Trabalho de Conclusão de Curso – Unesc, Criciúma, 2009. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041F2.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2013

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Orientação sexual na escola.** *Revista Brasileira de Enfermagem.* São Paulo, edição mar-abr; p.157-62., 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2013.